



Metáporo e o conceito de comunicação como Acontecimento¹

Elenildes Dantas²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O Metáporo, o quase-método ou caminho do meio, desenvolvido pelo *FiloCom* – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, da ECA-USP, coordenado pelo Professor Dr. Ciro Marcondes Filho, tem como base o conceito de comunicação como Acontecimento, um fenômeno raro e efêmero, mas de profundo impacto. Dessa forma, o Metáporo propõe uma forma de trabalhar esse fenômeno em movimento sem cristalizá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; acontecimento; Metáporo; alteridade; autopoiese.

1. Introdução

Antes de definir o que é Metáporo, primeiramente é necessário deixar claro o que se entende aqui como comunicação. O *FiloCom* – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Professor Dr. Ciro Marcondes Filho, ao longo de 25 seminários, cada um com a duração de um semestre, tem tentado responder a esta pergunta fazendo uma revisão bibliográfica para se definir um conceito de comunicação e um método que corresponda a este novo conceito. Tradicionalmente, entende-se a comunicação como comunhão, como tornar algo comum entre sujeitos. Mas responder o que é comunicação não é tão simples quanto parece, já que a partir da chamada Virada Linguística formaram-se duas correntes totalmente opostas. Por um lado, há um grupo de estudiosos que acha que tudo comunica, especialmente os da linguagem, enquanto outro grupo acredita que é impossível comunicar, já que nós nunca podemos saber o que se passa na cabeça de outra pessoa. Neste aspecto, Ciro Marcondes a define assim: “Comunicação é um acontecimento, um evento nem sempre possível, antes improvável, encontro feliz

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Mestre em Ciências da Comunicação ECA-USP, concluído em 2009 e membro do FiloCom, email: elenildes@usp.br ou elenildes@hotmail.com



ocasional de múltiplas coordenadas em um momento que não se repete, que é único e que tem força expressiva particular.”, (MARCONDES FILHO, 2008, p. 151).

De acordo com a definição de comunicação dada por Marcondes, para se ter comunicação é preciso haver acontecimento, mas nem todo acontecimento é comunicação, de modo que para se ter comunicação, o acontecimento precisa construir novos sentidos.

A comunicação pode ser também unilateral, já que mesmo que os agentes da comunicação participem do mesmo ambiente mediático, a comunicação poderá ocorrer diferentemente em cada um deles, pois só existe comunicação quando o fenômeno provoca mudanças nos agentes, criando algo novo. Trata-se de assim de processos autônomos entre os agentes. Deste modo, a comunicação deixa de ser o algo em comum para ser o acontecimento que é percebido de forma diferente entre as pessoas, ou seja, a comunicação como algo que não tem materialidade. No que Marcondes (2008, p. 151) ainda acresce: “A comunicação não é uma coisa, algo que percorre uma cadeia que vai do emissor ao receptor, algo que se possa dizer que exista; antes, ela é uma relação, uma possibilidade no encontro entre homens e homens, entre homens e técnicas”.

Para se resolver o dilema: se tudo comunica ou nada comunica, primeiramente, tentou-se diferenciar os conceitos de sinalização e informação do de comunicação. Existe sinalização ou informação, que pode ser ora trivial ora não-trivial, sendo que comunicação seria definida como um acontecimento raro. Outra diferença entre comunicação e informação diz respeito a fato de que informação é algo racional e consciente, implicando num reforço, enquanto que comunicação, por outro lado, é emocional, irracional, inconsciente e, implicando em mudança, no contexto do novo. A sinalização pode ser também voluntária, intencional ou mesmo involuntária. Nosso corpo sinaliza, porque tudo no ser humano sinaliza, ou seja, “não dá para não sinalizar”, mas nem sempre a sinalização se torna informação, isso só acontece quando ela nos chama a atenção. De um ponto de vista fenomenológico, nossa vida é constituída só pelas coisas que fazem parte do nosso mundo, no que Marcondes Filho (idem, p. 16) define conceitualmente como dilema:

Seres humanos dificilmente se comunicam. Seres humanos conversam, relatam coisas, falam de experiências; seres humanos escrevem livros, fazem filmes, encenam peças teatrais, fazem arte; seres humanos mandam mensagens; seres humanos fazem muitas coisas. Em suma, seres humanos sinalizam, mandam sinais – como, aliás, as outras coisas também sinalizam. Mas, se isso é ou não informação,



se isso é ou não comunicação, tal fato já não depende mais deles, mas de quem os recebe.

Mas, por que determinada coisa nos chama a atenção, despertando nosso interesse? A questão da intencionalidade, amplamente discutida pela Fenomenologia é incorporada na definição de comunicação, segundo a acepção de Marcondes Filho, uma vez que, para ele, a comunicação é uma relação que ocorre de modo imprevisto, naquilo que nos surpreende, como um acontecimento que provoca o aparecimento do novo. Isto se refere a todo o contexto em que se interfere, ou seja, na comunicação, incluindo as pessoas envolvidas neste processo, que são como ‘corpos’, em que ocorre a presença do incorpóreo, ou seja, daquilo que não se materializa, espécie de ‘alma’ que atravessa os acontecimentos comunicacionais. Isto quer dizer que na comunicação eles atuam ao lado dos signos verbais e lingüísticos, que normalmente pouco ou nada dizem, mas que representam sinalizações extralingüísticas carregadas de valor comunicacional, pois, para Marcondes Filho (idem, p. 152): “A comunicação, apesar de rara e improvável, acontece em algumas circunstâncias, tanto interpessoais como na relação entre a pessoa e o objeto cultural”.

Neste aspecto, ele (idem, p. 19) ainda acresce que:

Comunicação é um acontecimento que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante. A comunicação só acontece quando eu me volto a esse mundo e transformo meros sinais em comunicação e/ou informação de acordo com a minha intencionalidade”.

1.1. Da Impossibilidade da Comunicação

De certo modo, somos sistemas fechados, pois nossa compreensão do mundo é unicamente subjetiva e, dessa forma, nunca seria possível sabermos como os outros pensam, pois tudo o que recebo do outro eu re-elaboro, segundo meu repertório pessoal, em outras palavras:

Eu só posso repassar ao outro algo de mim, uma informação, uma notícia, algo que minha linguagem consegue formular. Mas como o outro vai traduzir isso eu não sei, jamais saberei, está além de minha capacidade. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 14-15).

A argumentação proposta pelo *FiloCom* é que se não encontramos a comunicação como substância, podemos aceitar como comunicação então este re-



trabalho de tudo o que recebemos do outro, considerando que a comunicação acontece justamente devido às diferenças existentes entre os indivíduos dotados de capacidade comunicativa singular, porque o que conhecemos intimamente não nos interessa como fator comunicativo. Neste aspecto, as comunicações triviais funcionariam antes então como um mecanismo de conservação e de tranquilização, enquanto que as formas de comunicações mais expressivas seriam, ao contrário disso, justamente aquelas que nos incomodam, mexendo, de modo intenso conosco, exatamente porque estão associadas à expressão estética.

Comunicação não é um ato de ida e volta, não é uma relação circular em que eu falo coisas, essas coisas atravessam o outro e retornam a mim, que, então, aciono mais coisas. (...) comunicação é essa atmosfera, a cena, a situação em que eu posso incorporar algo que me transforma ou apenas me informar. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 62).

Seguindo esta linha conceitual perceptiva, Marcondes Filho define a comunicação como aumento de complexidade, ou seja, como um processo que caminha da sua forma mais banal, marcada pela expressão formal de uma frase, ou de uma fala, até a sua realização mais plena e transformadora, assentada na multiplicidade de sensações, obtida por nossos órgãos dos sentidos. Ou seja, a comunicação realiza-se, mais plenamente nos fenômenos estéticos, no sentido da *aisthesis*, enquanto relação sensível com o mundo. “Comunicação é um acontecimento que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 19).

Neste contexto, o *FiloCom* defende a necessidade de se estudar o processo da comunicação como o espaço do “entre”, como o acontecimento, na sua razão durante, descrevendo tal concepção como um olhar da comunicação que mergulha no acontecimento, instalando-se no movimento do ato de comunicar-se. Desta forma, estudar a comunicação fora deste acontecimento, desta duração circunstancial não é um estudo comunicacional e, mas sim sociológico, histórico etc., pois, o movimento precisa ser apanhado de uma só vez, sendo que o fenômeno comunicacional é o aqui e agora, ou seja, a situação do momento, realizada de modo contingencial. Pois, deste modo, a pesquisa do durante capta a coisa no momento em que ela está acontecendo, através da intuição sensível do observador, cujo objetivo é tentar apurar os seus olhos para o mundo e ver como as coisas estão acontecendo.

As pessoas são diferentes, suas vidas são distintas umas das outras, mas há uma constante em todas elas: a incomunicabilidade. É o mal do século. Nosso século é



o século da incomunicação. E o século do paradoxo, pois, em nenhuma outra época da história humana, as pessoas tiveram à sua disposição tantos meios de comunicação: telefones, mensagens eletrônicas, equipamentos para transmitir imagens, vozes, acontecimentos. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 13).

1.2. O Papel do Diálogo na Comunicação

Na nossa sociedade de consumo, as pessoas precisam dos outros para se auto-afirmarem. Não se basta ser, é preciso aparecer e ser reconhecido. Assim como também não basta ter, é necessário que os outros nada possuam para que a posse de alguns seja mais valorizada e invejada pelos demais. É nisto que consiste o nosso individualismo hedonista contemporâneo. Nossa relação com o outro é mais de natureza do Eu-Isso de Martin Buber do que do Eu-Tu, no que Marcondes Filho (2008, p. 34) atesta significativamente: “A crise da comunicação ocorre quando o outro perdeu seu mistério ou sua fala perdeu a validade”.

O diálogo para Buber mostra duas formas de nossa relação com o outro: o Eu-Tu e o Eu-Isso. Sendo que o Eu só existe porque existe um Tu, tendo em vista que o Tu, para Buber, não é só uma pessoa, podendo ser um objeto, uma planta, um animal, dependendo da forma como o Eu se relaciona com o elemento do diálogo. De modo que um Tu pode preencher meu Eu, principalmente quando o Eu-Isso corresponde à ação do Eu se relacionar com o outro como mero objeto. Mas, também, um objeto pode ainda começar como um Eu-Isso vindo a se tornar um Eu-Tu e vice-versa:

Toda relação atual com um ser presente no mundo é exclusiva. O seu Tu é destacado, posto à parte, o único existente, mas tudo o mais vive na sua luz. Enquanto dura a presença da relação sua amplitude universal é incontestável. Porém, desde que um Tu se torna um Isso a amplitude universal da relação parece uma injustiça para com o mundo e sua exclusividade como uma exclusão do universo. (BUBER, 1979, p. 91).

Emmanuel Levinas amplia a questão do diálogo em Buber, ao considerar que o diálogo não é meramente uma forma de conhecer o outro, mas sim uma forma de eu captar o outro, percebê-lo. “No diálogo, como na alteridade, eu não possuo o outro, não o submeto, antes submeto-me a ele, sou seu ‘diácono’. Só posso comunicar despossuindo-me, esvaziando-me.”, (MARCONDES FILHO, 2007, p. 57), citando Levinas.



Por outro lado, Michel Serres tem uma outra idéia de diálogo, pois, para ele, o diálogo ocorre sempre entre quatro pessoas: As duas pessoas (um Eu e um Tu), o terceiro excluído (que é o demônio delas) e o terceiro incluído (que é a esperança delas):

Já conhecemos lugares em que o diálogo florescia: duas personagens em busca de verdade lutam para excluir do meio delas o ruído que as impede se ouvirem e tentam incluir entre si o sentido que nasce da interseção do vocabulário e pelo laço da boa vontade delas. O diálogo é praticado por quatro pessoas, as duas que parecem falar, mais a terceira excluída, o demônio delas, mais a terceira incluída, sua esperança, deus que desce no meio delas. (SERRES, 2001, p.340).

Não obstante, para Marcondes Filho (idem), o diálogo é um espaço entre as pessoas, a palavra que circula livremente passando pelos interlocutores da comunicação. É, neste contexto, então que ocorre um acontecimento comunicacional num diálogo, ou seja, as proposições a que chegam as pessoas não estavam anteriormente dispostas em nenhuma delas. “O diálogo, portanto, é um jogo de espelhos. O que eu falo é para mim, condiz com o que eu pretendo passar de mim mesmo. O que ela [a outra pessoa do diálogo] fala é para ela, é o que interessa a ela”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 27).

1.3. Contínuo Atmosférico Mediático

Contínuo atmosférico mediático é o lugar onde ocorre o acontecimento comunicacional, ou seja, o cenário, a atmosfera de um momento. A tese do *FiloCom* é de que entre o complexo tecnológico e os indivíduos, existe o contínuo atmosférico mediático, ou melhor dizendo, o lugar onde se realiza a comunicação. Conceitualmente, o contínuo atmosférico mediático é formado por três subsistemas: jornalismo, publicidade e entretenimento. A maior parte do referencial incorporado se realiza por representação mediática, por outro lado, de um ponto de vista conceitual, tudo pode ser visto como representação, mesmo o contexto mediático ou real, contudo, o que os meios de comunicação não mostram são os referentes, ou seja, as memórias sociais arquivadas. Sendo que as coisas estão passando a todo o momento por aí, alimentadas por fatos da indústria jornalística, do entretenimento e da publicidade, criando um espírito do tempo, ou seja, o clima da época, pois, forma um sentido próprio do tempo assinalado. “A comunicação pode ser transformadora, quando eu abro espaço em mim para receber o outro em seu mistério, ou confirmadora, quando procuro conhecer, apreender, domesticar o outro, seja esse outro uma pessoa ou um produto cultural qualquer”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 34).



O complexo tecnológico, as empresas de comunicação, a internet, os indivíduos, os sistemas desreguladores ou agentes de transformação (como as artes), todos se lançam no contínuo atmosférico mediático. O mediático é o *médium*, tratando-se de um processo, mas a comunicação é o acontecimento que ocorre por meio de relações, nem sempre presencial. Ainda, segundo Marcondes Filho (idem), os meios de comunicação provocam fascínio e tédio, pois, não se trata mais de não sermos mais capazes de ver além do que vemos, nem tampouco vemos somente segundo o que nos é dado para ver, mas, sobretudo por vermos o que desejamos ver, o que implica não só em manipulação, mas também adesão aos meios comunicacionais. As pessoas perdem o interesse nas coisas, devido à intensa repetição e, por que, de certa forma, esgotou-se, exorcizou-se tudo o que as irritavam antes, as incomodavam inteiramente, ou seja, talvez a falta de interesse no excesso de informações seja causada mais por catarse, do que por tédio, ou seja, a própria catarse criaria o tédio anulador da comunicação.

Deste modo, a função dos *media* na sociedade moderna seria a de meio regulador e legitimador do sistema voltado à manutenção do *status quo*. Detectam-se as inquietações, assim como se lançam as argumentações e contra-argumentações no contínuo atmosférico mediático até se gerar a catarse, para se expurgar o ruído e voltar-se ao equilíbrio desejado. Eventualmente, se algo não sai como o esperado, por questões contingenciais, é deste modo que ocorre então o acontecimento comunicacional, ou seja, de forma inesperada, imprevisível e também efêmero, pois do mesmo modo que acontece, logo também desaparece. “Um jornal não contém informações, ele contém notícias, comentários, resenhas, receitas de bolo, horóscopos, previsões futebolísticas, mas não informação. Quem decide se aquilo que está lá é informação ou não sou eu: é informação somente a partir do momento em que alguma dessas coisas me interessar”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 16).

Mas nem sempre a comunicação leva em conta a questão da intencionalidade, pois, às vezes, somos fígados pelos mecanismos de sedução da publicidade, por exemplo. Já que a comunicação está no âmbito do contínuo atmosférico mediático, não está presente nos meios de comunicação. *Médium* é algo não percebido que dá forma ao objeto percebido, portanto, os meios de comunicação são o *médium*, assim como o som também o é.



2. Enfim, o Metáporo, o Quase-Método

Ao considerarmos a comunicação como Acontecimento, ou seja, como movimento vivo e imprevisível, como então captar-se a comunicação no seu próprio movimento, sem cristalizá-lo? É o que pretende responder o *FiloCom* com o desenvolvimento do Metáporo, o quase-método ou o caminho do meio. Poro, para Sarah Kofman (Marcondes, *passim*), é a via que se faz e se desfaz o tempo todo, que escapa e, que não tem existência, pois se trata de geração contínua. Utilizando-se da definição de Poro, de Kofman, Marcondes Filho cunhou o termo metáporo (*meta + poros*) no lugar de método (*meta + odos*). Metáporo seria o ato de construir a passagem, de ir se abrindo um caminho que vai se fechando atrás de si, como um caminho da não-fixação contínua. A idéia do Metáporo é criar apenas algumas indicações, como um paradigma construído por cada pesquisador. “O método para se estudar a comunicação acompanha a própria dinâmica, a versatilidade, a mutabilidade contínua da comunicação. É um procedimento em que se abre o caminho da pesquisa, desbrava-se o campo enquanto se realiza a própria pesquisa”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).

De acordo com Marcondes Filho, fazendo-se um breve passeio pelos métodos científicos, observa-se que os métodos não são adequados para se entender os fenômenos dinâmicos. Os Positivistas, por exemplo, se atêm aos objetos e as coisas, ignoram as forças que os regem e, por assim dizer, neste aspecto, o casual, o indeterminado. Já o modelo metafísico está mais preocupado com as coisas eternas, fixas e imutáveis, construindo conceitos relacionados à essência, natureza e estrutura dos objetos e coisas. Por outro lado, o Empirismo já busca a repetição do fenômeno, sem considerá-lo como ele era *a priori*. Não obstante, o Idealismo deseja chegar-se ao imóvel, portanto, à essência plena das coisas. Sendo que os Pragmáticos, por sua vez, se preocupam com a eficácia da pesquisa, seu teor prático operativo que culmina em resultados satisfatórios.

Resumindo-se, a ciência clássica, que vem desde o prenúncio da Física aristotélica sempre se preocupou mais em observar os movimentos regulares, lineares, como o pendular, por exemplo, vendo a ciência como uma construção daquilo que se repete de uma forma constante, contínua, ignorando os fenômenos que não se encaixam tal fundamento interpretativo. Deste modo, a lógica formal aristotélica sempre foi regida por princípios de não contradição, jamais abarcando o terceiro excluído e a



característica de não identidade. Contudo, deve-se levar em conta que fenômenos contínuos correspondem apenas de 10 a 15% dos fenômenos da natureza, sendo que o restante é inteiramente irregular. Sendo que a principal razão para o sucesso de tais métodos em detrimento de outros reside no fato de que o nosso pensamento ocidental, caracteristicamente racional, encontra conforto em certos conceitos metafísicos como verdade e certeza.

A pesquisa em comunicação não busca a verdade, a possibilidade de repetição do mesmo evento; a comprobabilidade em outros contextos trata-se sempre de uma descrição sincera, sem aspirações de impessoalidade ou objetividade, mas ao estilo dos procedimentos da reportagem e da literatura. (MARCONDES FILHO, 2008, p.153).

Neste aspecto, a fenomenologia foi a primeira tentativa depois de Heráclito, de estudar adequadamente os fenômenos regulares e irregulares. Para a Fenomenologia, não existe sujeito, só acontecimento ou fenômenos. Dentro de tal acepção, o conhecimento está no mundo e, a sua captação depende da perspicácia do observador. O mundo existe, mas não pode ser apreendido. Os acontecimentos e os fatos só são apreendidos de forma parcial, nunca em sua totalidade. Por isso, Husserl nega tanto o empirismo, para quem as pessoas são tabula rasa, considerando que elas chegam ao acontecimento pelo simples objeto, do modo mesmo como o idealismo o vê também. De modo que, para ele, as coisas são mais importantes do que o sujeito que as observa, uma vez que a nossa consciência é que constrói as coisas, segundo sua visão filosófica. Neste contexto, a consciência dota de sentido as coisas pela intencionalidade, ou seja, para Husserl, consciência é intencionalidade, sendo que é o mundo então que acontece para nós e, nós não somos nada sem tal percepção.

Já Merleau-Ponty (MARCONDES FILHO, *passim*) diz que não existe consciência, mas sim fios intencionais que nos ligam ao mundo. Ao contrário disso, a fenomenologia de Husserl operaria então quase como uma fotografia do mundo, cuja redução eidética faz como que se feche o olhar do observador na cena observada, deixando-se com que ela venha então a nós, se insurgindo aos poucos. Neste contexto, devemos então estar abertos, nos livrando dos conceitos priorísticos que nos conduzem às coisas e aos seus conceitos. Já a fenomenologia de Bergson (MARCONDES FILHO, *idem*) se pauta pelo contexto de uma percepção imediata, baseada na instantaneidade, na busca da apreensão global e suficiente do movimento, sem se fragmentar a experiência como faz o método analítico, por exemplo, objetivando, ao contrário disso, apreender



então a coisa por inteiro no seu próprio acontecer, que é o teor perceptivo da razão durante. Bergson acredita que as coisas não podem ser apreendidas de forma picotada, tendo de ser então na sua dinâmica, no seu movimento, ou melhor, dizendo, na sua razão durante.

Deste modo, o que se busca então com o Metáporo é trilhar o caminho de uma ciência nômade, ou seja, continuamente mutante, seguindo a ideia heraclitiana de que não existem seres, somente fatos e acontecimentos. E para quem, o ser não passaria então de aparência de estabilidade num movimento do devir. Não obstante, os estóicos contestam Heráclito, pois, para eles o universo não é composto apenas de fatos e acontecimentos, há uma energia ou força que fazem os fatos se encadear em seqüências. De modo que os estóicos incorporam o tempo nos estudos da comunicação, pois para eles, é o exprimível que realiza a língua e não a sua gramática, sendo que o real é dividido em corpos e incorpóreos. Corpo é tudo o que age e, incorpóreo o que faz o corpo agir. Já a causa para os estóicos é o *pneuma*, o sopro divino, pois, para eles, a linguagem não é feita apenas de corpos que se encontram, mas do choque que cria algo novo, sendo que as coisas se realizariam em dois planos: plano profundo, real, dos corpos e; do *pneuma*, o plano superficial, dos fatos e dos acontecimentos.

Conceitualmente, o Metáporo trabalha com a comunicação no seu acontecimento, por isso, o termo razão durante, uma vez que quando a pesquisa trabalha com conceitos, ocorre um esvaziamento automático da coisa observada. Se cercarmos muito o objeto, ele pode acabar ficando morto, pois a fixação do conceito é também a sua negação, ou seja, a sua morte anunciada. Segundo os estudos do *FiloCom*, poro foi definido como caminho não consolidado, o qual se desfaz, como caminhos que se dão no deserto, no mar ou em espaços lisos, seguindo os conceitos deleuzianos, definidos em *Mil Platôs*, de espaço liso e estriado, linhas de fuga e nomadismo. Segundo Gilles Deleuze (MARCONDES FILHO, *passim*), no espaço estriado, os caminhos já estão feitos, traçados. Já nos espaços lisos, como no deserto e no mar, os caminhos realizam-se em constantes mudanças, como na abertura de um caminho que envolve situações sem saída, por exemplo, numa linha de fuga, que é a via que se faz e se refaz o tempo todo no percurso, no devir perceptivo. Assim como também a idéia do nomadismo que se traduz pelo caminhar que busca o horizonte do mundo e vivência intensa de tal mundo. Neste contexto, Marcondes Filho (2008, p. 9) resume assim a pesquisa metapórica:



Pesquisar a comunicação é estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes, é falar da ocorrência do acontecimento comunicacional, que tem caráter único, efêmero, irrepetível; é falar da interveniência de fatos extralingüísticos na comunicação, de processos que são mais sentidos do que verbalizados; trata-se da captura do momento em que a comunicação se realiza e, em todos esses casos, é preciso que o pesquisador possa apreender a atmosfera presente, o clima criado, o incorpóreo que atravessa os atos. Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana.

No Metáforos, os caminhos não só não são permanentes, como as linhas de fuga precisam sempre ser re-trabalhadas, reconstruídas. Cada nova pesquisa precisa refazer o caminhar, o nomadismo pensante, o saber perde-se, ou seja, a criação segundo a intuição sensível do pesquisador. O *FiloCom* define *metis* como a inteligência do observador, ou seja, a acuidade, que remete a *techné*, que trata dos estratagemas, da criatividade e da arte, como espírito expressivo. A pesquisa é então um abrir caminhos, o ato de rasgar uma passagem para ver o Acontecimento, pois para Danielle Naves de Oliveira, pesquisadora integrante do *FiloCom*, “*poro não é a dissecação do morto, mas a percepção do vivo*”.

Assim, o poro evoca um quase-método que tem a intuição como base da ciência e do pensamento científico, incorporando em seu campo elucidativo, dois tipos de intuição: intuição intelectual e intuição sensível. Intuição intelectual é a constatação evidente que não necessita ser provada. Por exemplo, na Física, existem elementos que nunca foram demonstrados, pois eles são constatados apenas pelos efeitos que causam aos outros elementos. Já a intuição sensível é inesperada e inovadora, sendo que é nela que reside o Acontecimento, a virada, a transformação, o novo, ‘o fato que nos violenta’, nos dizeres de Deleuze. Não obstante, a intuição intelectual ocorre antes ou depois da intuição sensível, dependendo do objeto observado. Na vivência educacional, por exemplo, as informações são jogadas formando a intuição intelectual, até que num momento, ocorre a intuição sensível, que cria o sentido, portanto, o pico intuitivo ocorre no final, quando as mudanças se manifestam pela persistência e continuidade de elementos. Na vivência fílmica ou cinematográfica, por exemplo, ou diante de uma representação artística, ao contrário, a intuição sensível, ou melhor, o ápice intuitivo ocorre no começo, pois a mudança é repentina, acontecendo numa reverberação ocasional. “Pelo que se observa, este tipo de pesquisa opera num campo intermediário entre ciência e ficção, entre objetividade e subjetividade, entre observação e participação, entre emissão e recepção, entre significação e sentido, não inteiramente em um nem em outro”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).



2.1. O Papel do Pesquisador do Metáporo

Sob certo aspecto, o pesquisador do Metáporo precisa aprender a ser nômade, ou melhor, aprender a se perder, a andar sem meta, mas com todos os sentidos em alerta para perceber o fenômeno em acontecimento. Ou seja, é necessário se inserir no movimento do mundo. Seguindo os preceitos da fenomenologia, há um movimento geral das coisas, o mundo está em constante fluxo e nós nos instalamos neste fluxo contínuo, pois o mundo que percebemos é em si uma construção, sendo que toda nossa observação do mundo depende de como ela aparece para nós na forma de construção, no que Marcondes Filho (2008, p. 151-2) ainda assinala:

Dessa maneira, a pesquisa comunicacional deve posicionar-se exatamente no momento em que ocorre a comunicação: é no durante que a investigação pode ganhar maior concretude, pode captar os sinais emitidos, as transformações sofridas, as inter-relações, as trocas, o fenômeno como um todo. ‘Sente-se’ a comunicação, é preciso participar dela para investigá-la, não existe investigação a posteriori, nesse caso ela é história, sociologia, antropologia, estudo de algo passado, portanto, morto.

De modo que no Metáporo, uma parte do objeto deve permanecer obscura, já que o pesquisador não deve ter a pretensão de esgotar o objeto. O objetivo é apanhar a coisa em algum dos seus movimentos e, não em todos eles ao mesmo tempo, de maneira a sentir suas forças, energias e vibrações momentâneas e circunstanciais apenas. O que se procura na pesquisa metapórica é, basicamente, as condições do aparecimento do objeto, ou seja:

O pesquisador de comunicação voltado para este princípio não opera com métodos fixos e definitivos. Já que a comunicação é um processo dinâmico, instantâneo, pulsante, já que as tecnologias se superam a cada momento, já que se trata de operar com uma ‘coisa viva’, cujos efeitos se sentem na vibração da vida a cada momento, é preciso que o próprio procedimento de pesquisa se flexibilize, se adapte, se corrija e esta é uma das atribuições do pesquisador, a de atuar também desbravando, abrindo caminhos, renovando as mentes para acompanhar a renovação das técnicas. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 10).

Neste contexto, é necessário recuperar o espírito do pesquisador. Numa pesquisa metapórica pode aparecer aquilo que não seria possível por outro método, por isso, é preciso nos reeducarmos para ver algo que saia dos modelos conhecidos, criando um hábito mental para ver as coisas além do seu estado habitual, para se apreender os fenômenos desconhecidos. Neste sentido, o Metáporo é a tentativa de perceber o



contexto, a cena, pois numa pesquisa metapórica, o método não deve ser fixo, já que ele necessita ser coerente ao próprio objeto, uma vez que o objeto é que escolhe o seu método observacional, como na maneira como produzimos as coisas que já devem estar presentes no produto em si. Neste aspecto, convém dizer que sentido, por exemplo, dentro de uma acepção deleuzeana, difere-se de significação e de comunicação. Significação é como decodificamos o signo semiológico ou semiótico, ao passo que sentido corresponde ao acontecimento comunicacional. “Assim, não vem ao caso a investigação da significação da comunicação, pois esta ainda pertence ao universo eminentemente da linguagem; a comunicação opera antes com sentido, que transcende o território do instrumental analítico convencional e tem a ver como cada um sente as coisas”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 151).

Dentro deste campo de visão, o pesquisador é o espectador do mundo, descrevendo cenas e situações, não emitindo juízos, apenas relatando os fatos observados, pois o pesquisador é, antes de qualquer coisa, um observador; considerando também a própria insignificância frente ao fenômeno de observação. Deste modo, o pesquisador é um observador também que afirma a sua subjetividade em relação ao objeto, mas uma subjetividade que alcance o nível neutro do acontecimento, como a subjetividade proustiana que está na narrativa e não no eu cartesiano. Marcel Proust usa do fluxo da consciência, o tempo puro da observação. Neste caso, a contra-efetuação passa a ser neutra, por isso, reverbera nos demais indivíduos. Tais efetuações referem-se ao modo como descrevemos as coisas. Mas as efetuações não acabam por aí, elas precisam também repercutir em algo transcendente, por isso, o verbo no infinitivo torna-se a marca do discurso proustiano, porque a contra-efetuação é algo que sai do pessoal e transcende para um tempo no estado puro. A contra-efetuação rebate lá e volta modificado. “Em nenhum momento, a pesquisa exclui a subjetividade do observador; não obstante, é sabido que a descrição cuidadosa repercute na credibilidade, angariando, com isso, razoabilidade entre os pares”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).

Deste modo, o pesquisador do Metáporo precisa entender que a relação é que constrói o objeto e não o objeto que constrói a relação e, que não apenas a linguagem é que cria o sentimento comum de comunidade, mas outras relações também como os sentimentos e a paixão.

Dessa forma, o pesquisador deve:

1. Considerar o movimento do mundo, que é permanente, e nossa inserção nele (a contingência, a transitoriedade);



2. Considerar o território na investigação: espaço liso (espécie de corpo pleno sem órgãos), suporte para o emaranhado de fios, vetores, linhas, cruzamentos;
3. Considerar nosso deslocamento nele: nômade, errático, em rodeio;
4. Quanto ao olhar, à observação: dá precedência à intuição sensível, considera a atmosfera circundante; está focado na captura do processo gerador, nas relações que constituem objetos.
5. Está à espreita do Acontecimento que pode surgir;
6. Fazer um registro ou um relato como forma de efetuação, mas aspirando, como *telos*, que este se torne contra-efetuação, portanto, saber.

2.2. Forma de Operação do Metáforo

As principais características do Acontecimento comunicacional são: novidade, efemeridade, movimento, imprevisibilidade. Seguindo esta proposição, primeiro, o objeto é novo, ágil, cobrando do procedimento investigativo uma atitude igualmente dinâmica. Segundo, ele é transitório, exigindo que o pesquisador atribua legitimidade a tal estado passageiro. Terceiro, o objeto está assentado no movimento, o que impõe ao estudioso uma atitude emparelhada no mesmo progresso de construção. Quarto, o Acontecimento não avisa que irá se dar, pois cabe ao pesquisador identificar a sua fulguração e a iniciativa de acompanhá-la. “Essas quatro características – novidade, efemeridade, movimento e imprevisibilidade – ficam mais evidentes quando as definimos segundo a razão inversa: o objeto não é conhecido nem conceituado; não permanece por muito tempo; não está parado, estacionado ou ‘congelado’; e não avisa quando irá acontecer novamente”. (MARCONDES, 2008, p. 1).

Dentro desta visão conceitual, a pesquisa pressupõe então três momentos a se considerar:

1. Condições de possibilidades, ou seja, a decisão de como o observador vai se portar diante da pesquisa, pois é necessária uma preparação diante do objeto a ser observado, já que é algo que está em movimento contínuo.
2. Observações para se definir como irá se trabalhar com o fenômeno, ou seja, a maneira como o pesquisador irá operar com certos elementos durante o seu processo observacional.



3. Constatações necessárias à definição da própria pesquisa em torno do fenômeno ou objeto observado.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência**. Lisboa. Edições 70, 1988.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. **O Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas, Sexta Investigação**. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.
- _____. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- OLIVEIRA, Danielle Naves de. **Poros – ou as passagens da comunicação**. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Escavador de Silêncios**. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Para entender a comunicação: Contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Perca tempo: é no lento que a vida acontece**. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **O outro como um mistério e o feminino como alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face a face na comunicação em Emmanuel Levinas**. Matrizes – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Ano 1, Nº 1, p. 55-74. São Paulo, 2007.
- SERRES, Michel. **Os Cinco Sentidos: Filosofia dos Corpos Misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.